

06-04-2021

ESPELHO

Rodrigo Emídio Silva

[Geógrafo. Professor na rede estadual e municipal Goiânia/GO.
Membro do Grupo de Estudos Dona Alzira/GO]

A mão estende-se até o espelho, toca a outra a mão, corpo e imagem trocam afetos quase simultâneos.

O corpo quente e a imagem fria bailam na imensidão do outro como reflexo de si. Acordo, nesse isolamento, meus olhos turvos esbarram nas paredes encolhidas, sinto portas e cadeiras batendo os pés. Parece que o amanhecer é parte do dia com mais quinas. A alma amarrotada ajeita-se no corpo, o bocejo espreguiçando; ajeita-se o verbo na carne. Os sonhos, resquícios da consciência noturna, desafiam o dia e seus raios absurdos que me atravessam. Sei que minha imagem chega um pouco antes de mim, ela é rápida nesse perpétuo jogo mímico. E quase erra em me repetir, mas não consegue, fora de mim, livre, esbarra nessa escravidão do mero existir no reflexo. O grão de areia trancafia os segredos do universo. A casa apequenada torna-se morada e prisão da cidade.

A cidade refugiou-se na casa, fugiu dos invisíveis públicos e escondeu-se no fundo dos porta-malas.

O cheiro de diesel mescla com o de naftalina. Deixamos entrar luz no passado, as gavetas da memória abrem-se, a bagunça da vida que foi escondida, amontoando-se com roupas, meias e fotos. O guarda-roupa é o cemitério geométrico das lembranças e de lá tiramos o figurino com que queremos ser vistos. Vestidos de presente e arrogando futuro, o passado é soterrado.

Mas, preso aqui, não tem como fugir de mim.

Os pensamentos pesam e afundam o traveseiro, Sísifo assopra nos nossos ouvidos: “Sinta o peso da sua existência, empurre essa pedra para sempre”.

A casa tornou-se dormitório de uma gente sonolenta e assombrada com a insônia e com medo de dormir. As noites, cada vez mais claras, e a luz, cada vez mais próxima dos olhos. Somos a nossa pior companhia. Também estou preso em mim, toda tentativa de fuga é barrada por uma vertigem. Fico tonto quando a vontade de levantar é mais rápida do que o próprio ato.

Nossa cartografia de fuga é um labirinto de quase. Cedo ou tarde, todos se libertarão dessa prisão que envelhece, descasca e enche-se de infiltrações, mas não haverá retorno. A casa meio murcha estará pequena para a consciência livre. Daniel, anjo cinematográfico, no beiral de uma igreja e com asas que não ajeitam, olha para baixo e está cansado da liberdade do espírito. Deseja sentir o peso do corpo: anjos estão presos ao universo das ideias e vazios de sensações. Nos desertos de concreto, anjos e humanos olham-se e invejam-se; um é reflexo incompleto do outro. Os olhos estão claros, abro a janela do computador. O dia está ensolarado no milharal do Windows. Desta janela você observa, fofoca e ri. O blindex virtual te leva ao infinito das incontáveis abas. Você esfacela-se entre a reunião oficial, a fofoca, o site de compras e os vídeos eróticos. Por um instante, acredita-se que temos as asas dos anjos: Asas do Desejo. Mas ainda sinto o peso do meu corpo, que se curva anatomicamente para a máquina. Da boca de um pintor afamado, reverbera: os olhos são a janela da alma.

Pelos olhos da consciência, saímos do corpo sem nos ausentar dele. A tela plana são olhos da calda do pavão, que olham para o infinito. A cidade recolhe-se na cadeira para viajar desmaterializada pelas infovias. A sala da reunião está aberta e os movimentos dos reflexos são lentos, não condizem com os movimentos orgânicos do meu corpo.

A minha imagem falante estará presa em alguma nuvem e provavelmente será esquecida.

O reflexo do espelho é dimensão da superfície e do instantâneo sem memória, os *hds* são os guarda-roupas virtuais das memórias esquecidas.

A minha imagem dissociou-se da matéria e vaga sem permissão. E me pergunto se ela, que não é mero reflexo, quer voltar para sua casa.

A desmaterialização, por si só, é uma morte.

Na reunião, da qual participo, quando escrevo esta crônica, estou mudo e sem áudio. Estarei preso nas querelas virtuais sem face, sem voz e vagarei como uma alma penada sem sentir ou pensar.

Carregarei os grilhões do não existir existindo.

Onde estamos? Por onde vagaremos? A pungente memória das máquinas nos dará memória para o futuro ou eterno esquecimento do presente? ■■■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.